

## JOSÉ BUENO CONTI\*

### **Como foi sua participação no movimento de 1978 da Geografia?**

Eu era secretário-geral da AGB no momento em que aconteceu a reunião de Fortaleza de 78, então participei intensamente, fazendo parte da mesa que presidia diversos trabalhos.

Na sessão final daquele encontro, quando a diretoria da AGB devia eleger a diretoria para o biênio seguinte, começaram as manifestações, digamos assim, do público, da massa presente no auditório do Teatro José de Alencar. Esse grupo, que era dominado pelos estudantes, exigia participação nas eleições, o que não era possível porque só sócios efetivos podiam participar. E eles diziam: “Esse é um procedimento elitista, coisa de uma aristocracia, nós queremos participar”. Eu, que era secretário, disse: “Não, acho que isso tem de ser pensado duas vezes, porque não podemos desobedecer ao estatuto”.

Havia dois candidatos à presidência - nesse ano houve uma espécie de disputa. Eram o professor Casimiro Medeiro de Jacobs, do Rio Grande do Sul, e o professor Marcos Alegre, daqui de Presidente Prudente, em São Paulo. E o público lá presente dizia: “Nós queremos que os dois se apresentem aqui e digam qual é seu projeto de governo, de um e de outro”. Todo mundo estava de acordo com isso, inclusive os próprios candidatos. Mas eu pedi a palavra e disse: “Não, não acho que isso tem de ser feito porque não são vocês que vão votar, apenas os sócios efetivos, e seria uma comédia: um deles chega aqui e fala o que pretende fazer, o outro também fala o que pretende fazer, depois vocês vão embora e quem vota é um outro colégio eleitoral - é como se o candidato a governador de São Paulo fosse fazer comício no Rio de Janeiro, em Maceió. De maneira que eu não estou de acordo, eles não têm nada a que falar pro grande público aqui”. Eu fui vaiado, né?

### **Tinha muita gente?**

Tinha, nossa, estava superlotado o teatro... E eles acharam que se tratava de uma posição elitista, aristocrática. Eu neguei isso: “Estou

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da USP. Entrevista realizada em 13 de junho de 2008.

falando estatutariamente". Meu pronunciamento foi absolutamente desconsiderado, porque os dois candidatos estavam de fato dispostos a apresentar seu programa para aquele público, e isso foi feito, eles apresentaram. Depois o público saiu, reuniram-se os sócios efetivos e elegeram o Marcos Alegre.

Isso mostra como eu estava presente em 78, e como já começou um confronto entre a minha posição e a posição que estava crescendo, e que seria dominante no ano seguinte... Decidiu-se então fazer no ano seguinte uma assembléia para a reforma dos estatutos, uma assembléia extraordinária, já que elas só ocorriam de dois em dois anos, mas teria de haver uma no ano seguinte, para mudar os estatutos. Para acabar com os sócios efetivos, para acabar com as Seções Regionais e criar a Gestão Coletiva. Então se fez um amplo projeto de um novo estatuto da AGB, mais ou menos nessa linha, e houve a reunião de 79, uma continuação do que houve em 78. E ainda no ano de 79, aqui em São Paulo, isso foi votado, foi voto vitorioso, e a AGB mudou em termos de estatutos.

### **Após 30 anos, algum arrependimento?**

Eu acho que o arrependimento foi só um. No primeiro dia dessa assembléia de São Paulo, quando ia começar o processo de discussão sobre o novo projeto de estatuto, acho que o professor Ruy Moreira e o Carlos Walter, que lideraram o movimento, levantaram e disseram: "Não, nós queremos que o voto não seja feito apenas pelos sócios efetivos", que ocupavam só um terço da sala. O professor Ariovaldo, por exemplo, era sócio efetivo e estava presente. E eu, o professor Araújo Filho, o professor Manuel Correia de Andrade. Lá atrás, no meio de uma multidão de alunos, o professor Carlos Walter e outros: "Não, a votação não vai ser assim pelos sócios efetivos, vai ser por todos aqui presentes." E então várias colocações foram feitas: "Mas estudante não tem direito a voto, não pode ser, eles não podem votar"; "Então vamos fazer uma solução de compromisso: o artigo é posto em votação, primeiro pelo grupo maior, pelo plenário completo, e depois o mesmo artigo vai ser votado só pelos sócios efetivos ali presentes". Eu então disse: "Não concordo com isso, é um projeto de coação: esse grupo todo vai manifestar sua opinião e nós vamos ser coagidos...". Nós saímos, nos retiramos da sala. Eu, o Araújo, o Manuel Correia de Andrade e o Gervásio Rodrigues Neves. E eu disse: "Não volto mais pra sala, porque não concordo absolutamente; se

o presidente, o Marcos Alegre, que tinha sido eleito em Fortaleza, que estava presidindo os trabalhos, concordar com esse procedimento, então ele que entregue pra esse grupo majoritário essa plenária, porque eu não vou mais votar". E o Araújo também, o Manuel Correia de Andrade também, todos no pátio aqui fora. Veio o Gervásio e nos disse, e também a outros que estavam ali: "Vocês estão sendo muito radicais," - o Gervásio também era sócio efetivo - "não tem importância nenhuma que eles votem antes de nós, vamos voltar pra sala e seguir o processo". E disto eu me arrependo: o Araújo disse "Vamos voltar, sim", e eu voltei - disso eu me arrependo. Só eu, porque os outros dois, o Araújo e o Manuel Correia, não.

Eu não devia ter voltado, devia ter ficado do lado de fora, porque meu ponto de vista era esse, e nós fomos objeto de apupos lá dentro, quando votaram pela extinção do sócio efetivo, dizendo que era uma coisa antidemocrática, uma postura aristocrática. Então eu levantei e disse "Não, ser sócio efetivo não é direito de sangue, como na aristocracia, na Inglaterra, é uma conquista de mérito. Para você ser sócio efetivo, é preciso demonstrar uma folha de serviço, demonstrar que tem artigo publicado, conferência, tudo isso; então a gente gostava de trabalhar, escrever, produzir, porque depois se candidatava a sócio efetivo como quem vai se candidatar à Academia Brasileira de Letras, era uma conquista de mérito que estava aberta a qualquer um". E quando foi posta em votação a extinção do sócio efetivo, só eu me levantei como voto contrário, e eu fui vaiado por todo mundo. E assim tudo decorreu, de maneira que a única coisa de que eu me arrependi foi de ter voltado para lá, porque o Araújo disse "Não, se a gente não for, não vai participar de nada, eles vão fazer o que querem". E eu me convenci de que deveria voltar, mas não deveria, porque eles fizeram mesmo o que quiseram...

Depois pedi demissão do quadro de sócios da AGB, mas não logo em seguida, no dia seguinte, apenas em 81, porque eu fiquei olhando para ver como a coisa ficaria... Quando vi que se consolidou o novo modelo, quando achei que não tinha mais volta, então eu escrevi uma carta pedindo demissão do quadro social, a qual imediatamente foi concedida. Por isso eu disse depois, numa declaração, que estava evidente que o momento não era para pluralismo de opinião, mas para imperar uma só, e o discordante podia se retirar. Disso eu não gostei, e nos anos seguin-

tes, até o ano 2000... Quanto tempo depois, quanto tempo depois! Eu ainda falava sobre o assunto, dizendo que o que foi feito tinha sido um erro, uma violência, que não respeitaram as minorias, não deram direito de opinião às minorias, e isso viciou essa reforma da AGB...

Eu posso falar que não foi um procedimento democrático, foi um procedimento de força. No momento de encerrar a assembleia, o plenário queria eleger um novo presidente e a eleição tinha de ser feita pelos sócios, ainda. O Marcos Alegre, que estava presidindo, disse: "Nesse caso eu peço demissão do cargo de presidente", e pelo estatuto deveria assumir o vice-presidente, que era o Manuel Correia de Andrade. Mas a assembleia aclamou: "Não! Agora temos um novo presidente, temos uma nova AGB. E o Presidente vai ser o Armen Mamigonian", e o Armen assumiu a mesa. E eu falei: "Isso foi um golpe de força, vocês vão me perdoar, mas vocês rasgaram o estatuto, e assumiram o poder por um golpe de força". E isso eu falei ao longo dos anos, até o ano 2000, e eu falava porque achava que era o que tinha acontecido.

De maneira que até 2000, infelizmente eu não era mais sócio da AGB, meu currículo ficou mais empobrecido, porque eu não pertencia mais à AGB, mas não pertencia por conta de tudo que aconteceu. Isso foi até 2000. Apesar de eles saberem do que tinha ocorrido, diziam: "Esse professor Conti tem uma obsessão, né, ele podia ter virado a página e esquecido", como todos os outros fizeram, o Manoel Correia, o Araújo, todos os outros - os caras viviam o passado e depois esqueceram o que tinha acontecido. Eu não.

Mas em 2002 eu fui surpreendido com uma indicação de que eu tinha sido colocado entre os homenageados no ENG de João Pessoa. Um moço veio aqui na minha sala e disse: "O senhor tem uma passagem pra João Pessoa". "Mas eu não vou participar do ENG". "Mas o senhor vai lá para ser homenageado". Decidiram homenagear nove nomes da Geografia brasileira, e consideraram seus nomes mais destacados: o Milton Santos, o Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, o Roberto Lobato Corrêa, o Orlando Valverde, e eu no meio deles... Então eu me senti realmente gratificado, porque eles fizeram isso de forma espontânea, sabiam que tinha havido essa ruptura em 78, e que eu tinha mantido aquela posição, e desconsideraram isso, e me homenagearam. Isso significa que eles tinham uma outra cabeça, que achavam que nós tínhamos de homenagear aqueles que devem ser homenageados, e não porque pensam dessa maneira ou

daquela outra. Eu achei isso muito bonito, eu até disse: “Mas tem gente que merece mais que eu, o próprio professor Armen, tenho certeza de que ele merece mais do que eu, e não está entre esses nove; mas em todo caso o critério de vocês, eu não vou discutir, eu só tenho que agradecer”. Fui a João Pessoa, recebi essa homenagem, e imediatamente cheguei aqui e escrevi uma carta para o presidente da AGB, que era o Bernardo, pedindo minha reintegração, pois eu achava que tinha sido um gesto de grandeza da entidade, e que eu queria muito voltar a ser participante. E foi um final feliz, voltei para a entidade.

### **Muitos se afastaram da AGB após 1978. Por quê?**

Pelo procedimento, que eu acho que não respeitou as opiniões diferentes, foi uma espécie de rolo compressor. Isso foi um dos motivos. Um outro foi a introdução da Geografia Crítica como hegemônica na Geografia brasileira, naquele momento. E eu, bem, eu nunca achei importante a Geografia Crítica, e cada um pode ter o seu ponto de vista, claro, e pode debater, de maneira acadêmica, mas lá não: a Geografia Crítica veio de uma forma esmagadora, de maneira que excluiu a Geografia Física e a Cartografia, porque não havia lugar na Geografia Crítica para o estudo do relevo apalachiano, o clima da média latitude... Então excluíram a Geografia Física do debate geográfico, e acho que isso foi muito grave, porque empobreceu, mutilou a Geografia. Depois disso passou, essa marola passou, e hoje não é mais assim. Esse foi o outro motivo pelo qual eu discordei dos acontecimentos de Fortaleza.

### **Como ficou a AGB nas décadas seguintes?**

Tenho pouco a dizer porque eu me afastei completamente, não participei, não recebia mais o Boletim Paulista, não participei mais dos ENGS... Eu sabia de ouvir falar o que estava acontecendo lá. Fiquei sabendo que nos primeiros encontros, logo depois dos acontecimentos de Fortaleza, a Geografia Física e a Cartografia nem participaram como temas. E depois começaram a voltar. Mas não posso fazer um depoimento sobre essa fase, de 21 anos, porque fiquei afastado da entidade.

### **Quais foram os erros e acertos daquele movimento?**

Eu acho que o movimento foi bom, no sentido de que era necessário mudar aquela estrutura. Quando eu não era sócio efetivo, quando

era sócio cooperador, eu também me sentia incomodado quando, no último dia, reuniam-se numa sala para eleger a diretoria e nós não éramos nem considerados, ficávamos de fora. Eu entrei na AGB em 57, e só fui ser sócio efetivo em 71 - de quantas assembleias eu participei (chamava assembleia naquele tempo) em que na hora de votar eu ficava de fora, com outros, e ficava incomodado com isso. De maneira que a rigor eu não sou contra que hoje isso não seja mais assim, hoje não, desde 79, que todo mundo tenha o mesmo direito político, acho uma coisa positiva. Mas acho que o erro foi a introdução, de uma forma que eu chamo de imposta e hegemônica, da Geografia Crítica, porque empobreceu o debate metodológico.

**Houve alguma grande contribuição teórico-metodológica do movimento de 1978 para a Geografia?**

Para os que são entusiasmados com a Geografia Crítica, eu acho que foi um avanço muito grande, porque o modo de ver, de entender, de interpretar foi muito influenciado por esse viés. É uma Geografia fundamentalmente marxista, e para os que se alinharam com essa visão foi um grande avanço. Eu estava fora disso, só reivindicava o direito de discordar, só isso.

**Como esse movimento reverbera hoje?**

Eu acho que hoje ele já ficou uma coisa do passado, chegou a um ponto de equilíbrio. É bom que continue a Geografia Crítica aí, mas essa moda, essa proposta de interpretar os fatos da Geografia hoje convive com outras propostas. Por exemplo, a questão ambiental hoje tem um espaço importante na Geografia, voltou a prestigiar a Geografia da natureza. Então hoje estamos numa situação mais plural, coisa que não houve em 79. Eu fiquei acusando dali para frente que achei que não houve pluralismo lá, mas hoje não, hoje a situação é mais rica, é mais genuinamente democrática, e faz bem para a Geografia essa diversidade.

**Como você analisa o atual momento da AGB e da Geografia?**

A AGB hoje é uma entidade da maior relevância. Sempre foi importante, mas hoje é muito mais ainda, por isso tem reconhecimento nacional. E quanto à Geografia, eu vejo isso que acabei de dizer: os praticantes da Geografia hoje têm uma cabeça mais variada, mais plural, e é isso

que eu acho que há de bom na situação atual da Geografia. Por exemplo, a questão das preocupações com o meio ambiente. Mas o meio ambiente foi sempre objeto da Geografia, que é a relação da sociedade com a natureza: a ocupação predatória, que traz essas conseqüências todas, e o aquecimento global, que é o assunto mais importante. A Geografia está presente em tudo isso, porque hoje a coisa é mais aberta, muitos podem comparecer às mesas de discussão e colocar suas opiniões como uma contribuição. É assim que eu vejo, e é uma visão otimista, uma visão que eu acho boa. Como eu estou no final, já até me aposentei, eu fico feliz, chamo isso de final feliz (*risos*) pra minha trajetória. Outros continuam aí. Fico feliz que na minha trajetória tenha chegado esse momento, que eu já tinha perdido a esperança de que chegasse, depois do que houve em 79, mas não foi assim, a coisa evoluiu depois num sentido mais positivo.

### **Quais as perspectivas da geografia e da AGB para os próximos 30 anos?**

A Geografia tem de continuar desempenhando o seu papel de ser o intérprete do espaço, que entende de como o espaço se organiza. Porque a Geografia não é nada mais do que o estudo dos arranjos espaciais que estão aí, e que resultam desse processo interativo entre a sociedade e a natureza. A história cuida disso também... Mas é o geógrafo o grande *expert* para interpretar isso, porque tem uma visão abrangente, uma visão de conjunto, que no entanto entende as partes. Isso fala a outros estudiosos, que precisam ser assessorados. Por exemplo, o geólogo, que entende do subsolo mas não entende nada da organização do espaço, das questões urbanas, da questão industrial, e o geógrafo entende disso tudo, não de uma maneira enciclopédica, mas no espaço, que é o objeto de interpretação de estudo. Por isso o geógrafo é útil para trabalhos de planejamento, para administração pública, por isso tem agora sua profissão regulamentada, desde o final dos anos 70. É bom que tenha. Eu acho que a presença dele, principalmente nos órgãos de governo, vai ser sempre solicitada, porque cada vez que o geógrafo participa de uma equipe na qual há arquiteto, meteorologista, geólogo, sociólogo, esses outros estudiosos sentem a importância do geógrafo. Eu já participei de equipes assim, e depois eles dizem: "Nossa, mas como é interessante a contribuição do geógrafo". Não é minha,

é do geógrafo. Eles acham interessante porque é uma visão diferente da deles.

**Como você vê o surgimento da Anpege e sua relação com a AGB?**

Eu participei várias vezes de encontros da Anpege, pois ela veio depois de 1970, quando se criou o novo modelo de Pós-Graduação, que nós temos hoje. E a Anpege é importante, claro; nas relações com a Capes, por exemplo, a Anpege já tem desempenhado um papel significativo para colocar a Geografia em uma posição da relevância que merece ter. Acho que principalmente nessa ponte entre o mundo acadêmico e a Capes a Anpege desempenha um papel que eu acho essencial.

**E no caso da Upege, você nunca chegou a se envolver com o movimento estudantil?**

Não. Se eu tenho uma falha, se quiser considerar assim, eu nunca fui participante de movimento estudantil. Desde meu primeiro ano de aluno, eu passava de costas lá no grêmio, na rua Maria Antonia. E havia movimento, passeatas, mas eu nunca participei, nunca fui apaixonado por isso, por movimento nessa linha. Então quando se criou a União, a Upege, que era uma coisa de estudante, eu achei que ia ter meio esse viés. E não participei...

Mas eu vou dizer por quê: porque eu vim do interior, sou de Atibaia, e meus pais tinham dificuldade de manter dois filhos estudando no curso superior aqui em São Paulo. Embora fosse universidade pública, e eles não pagassem, tinham os filhos fora de casa. Mas eles disseram: "Vocês não vão trabalhar fora". Meu irmão foi estudar Medicina, e eu Geografia. Medicina não tinha opção, mas Geografia podia fazer o curso noturno, trabalhar de bancário para se sustentar, e mesmo assim meu pai disse: "Não, você vai ser sustentado por nós, mas queremos que você faça o curso diurno mesmo, para não ser sacrificado e ter de estudar ao mesmo tempo em que trabalha". Tanto que eu pude estudar jornalismo, o que foi muito bom também. E então eu achava que tinha de estudar com seriedade, terminar em quatro anos, não perder nada, porque meu pai estava me sustentando, aliás meus pais, porque minha mãe era professora e também tinha salário. E por isso eu achava que não podia perder tempo em reunião de estudante, tinha de ficar na biblioteca estudando. Quando me diziam que eu era "caxias" e não participava de movi-

mento político, eu falava que queria terminar o curso em quatro anos. Não sei se eu estou certo ou não, mas era isso que me fazia ocupar o tempo todo, realmente estudando; minha função era de estudante, só, e eu não participava do grêmio porque achava que isso iria desviar o meu esforço. Eu pensava na minha família que estava me sustentando como um privilegiado. Até hoje eu digo isto: quem faz o curso diurno é um privilegiado, e eu fui esse privilegiado. Tanto que eu pude fazer um segundo curso. Mas por isso eu achei que eu tinha de estudar, e nunca participei de movimento estudantil. Acho também que o meu perfil não dá pra isso. Pode ser também...

